

Em identico estylo, o possessivo *seu* exprime valor ou quantidade incerta, mas approximativa:

“Tem os *seus* vinte contos de reis”, isto é, não muito menos. E por igual: Elle conhece bem a *sua* medicina, fala bem o *seu* inglez”, como se equivallesse: conhece a medicina quanto a *conhece*, etc. Castilho, indicando os personagens das *Sabichonas*, diz: “Gonçalo André — cavalheiro rico, *seus* cincoenta annos”, isto é, cincoenta approximadamente.

b) Com emphase faz-se acompanhar o pronome *eu* do reforço *de mim* (ou *por mim*):

Eu *de mim* não quero coisa alguma.

Da me non venni, disse Dante; no italiano a emphase estende-se a outros casos: *da noi, da te, da per te, da noi me- desimá*, etc.

Casos obliquos — Entre os pessoaes, os accusativos têm a funcção de dativo e accusativo:

Dat. — Elle *me* deu o livro.

Acc. — Elle *me* reprehendeu.

O mesmo se vê com os outros pronomes, excepto com o da terceira pessoa, em que o dativo é expresso por *lhe*; e o accusativo, por *o* ou *a*:

Deu-*lhe* o livro.

Reprehendeu-o.

Ainda aqui convém notar que nos tempos preliminares do periodo classico, no *Palmeirim de Inglaterra*, por exemplo, encontra-se a syntaxe *lhe=o: reprehendeu-lhe*. No castelhano tambem *le* e *lo* são equivalentes em varios casos. Não são poucos os verbos que admittem o regimen *directo* ou *indirecto* (gozar *o*, gozar *de*, usar *de*, usar *o*, etc.).

A syntaxe popular brasileira: *vi-elle, amo-ella*, por *vi-o, amo-a*, era da lingua archaica e ante-classica.

— E', todavia, e até elegante conservar o pronome *elle* como objecto em objectos compostos (dois ou mais), como nos exemplos: El-rei... degradou *elle* e os filhos (Fernão Lopes (*Chron. de D. Pedro*, c. 4). Veja Raul Apocalypse — *L. port.*, *Notas*, pag. 69.

Se e *si*, sendo reflexivos, referem-se naturalmente ao sujeito da proposição. Não é correcto dizer-se: Falei *comsigo* (com V.). Falei de *si* (de V.). O uso correcto manda dizer:

“*Pedro* falou de *si* (d'elle *Pedro* e não de vós).

“*Você* quer tudo para *si* (isto é, para você).

“Leve o revolver *comsigo* (isto é, com você). (1)

Igualmente, da mesma maneira que *me* e *te*, o pronome *se* pôde ser accusativo ou dativo:

“Deu-se o incommodo de vir.”

“O auctor reserva-se o direito...”

(1) Estes dous ultimos exemplos são tirados dos interessantes *Estudos de portuguez* do Sr. A. R. Nobrega (1900), mas para contradictal-o. E' certo que em Portugal, hoje em dia, o pronome *si* é preferido a *você* ou ao *senhor* (talvez porque estas duas ultimas formulas são, uma muito familiar e a outra muito cerimoniosa), e d'este uso só se encontram exemplos nos dialogos dos romances e do theatro; mas creio que não é cousa que se imite, nem muito menos se aconselhe. A proposito lembra-me Firmino Costa o exame dos seguintes exemplos.

“Tinha este sollicito Prelado guardado em uma grande arca a quantidade de trigo, *que* era necessaria naquelle anno para *si* e seus subditos”. (Bernardez, Nova floresta, III, 376). “Encontrou Jacob um monge, que, reparando no malancolico do seu rosto, o obrigou a vir *comsigo* para a cella.” (Idem, II, 359.) Acho que o segundo exemplo está de conformidade com a regra. e no primeiro é evidente que *si* sendo *pessoal* não se ha de referir a *trigo* ou a *quantidade*.

Muitos para ler é a discussão, critica e copia de exemplos reunidos por João Curioso — *Camillo e as caturrices dos puristas*, pags. 141 e segs.

Comparação. — Depois do termo de uma comparação, usa-se do pronome nominativo: *mais serio que eu; mais vivo que tu.*

A syntaxe franceza adopta o obliquo *moi* em vez de *je*: *plus agé que moi.* Entre os seiscentistas, como já notámos, não é raro vêr identica syntaxe: *mais forte do que ti.* Nos proprios quinhentistas, em Sá de Miranda (ap. Moraes), encontra-se a syntaxe: *Tinha mais experiencia que ti.* E em Camões (*Redondilhas*): “*Por que sois maior que mim*”. (1)

(1) A expressão *mais que*, quando ao *mais* não se segue o qualificativo, exprime um grão intermediario entre o *positivo* e o *superlativo*, mas que exclue toda a comparação. Taes são: *mais que perfeito, mais que humano* — que significam não *multo perfeito* ou *multo humano* e antes ao contrario, fóra do perfeito, acima do humano.

Co'o nome do mancebo mais que afouto.

F. Elysio. Ode aos novos Gamas.

V

Syntaxe do artigo

O artigo exerce a função de determinativo: *o homem*. Por isso substantiva qualquer palavra: *o bom, o querer*.

Esta função é um tropo; a natureza essencial do artigo (*ille*) fal-o-ia empregar como pronome da terceira pessoa relativa. E' o que já se observa no latim barbaro: *vidit illum*. Data do baixo latim.

O artigo exerce a função de terceira pessoa pronominal: *viu-o, ama-o*.

Esta função representa a syntaxe genuina do latim: *ille, a, ud*. Data do latim culto.

O artigo exerce a função de demonstrativo: *os de Lisboa* (em francez, *ceux de Lisbonne*).

Esta função, que não existia no latim puro, tambem era usual no antigo portuguez e nos tempos classicos: *Escolha qual melhor lhe parecer* (qual = o que). Nos proprios seiscentistas ainda se observa o uso de *o* como demonstrativo separado do seu complemento: *E como os reis são os a quem mais neste mundo se furta*. (Auctor da — *A. de furta*, 67.) Este uso é um primor de linguagem que se deve zelar ainda hoje. "E já pôde ser que alguns dos que aqui estão, que deseja deixar no mundo memoria do seu engenho, saiba nesta occasião, o em que o pôde empregar melhor." Rodr. Loba. (*Côrte na Aldeia*, Dial. I.)

Combinações. — O *artigo* compõe-se com varias fórmãs grammaticaes, de ordinario com a antiga: *lo*. Com os verbos: *amalo, fazelo, sabemollo, dizeilo*, etc.

Com os pronomes *vos, nos*: eu *volo* disse, elle *nolo* contou. Com *por* e *per*: pelo, polo (ant.) e ainda com outras palavras, como se prova com os antigos documentos, e com certos plebeismos: *todos* dias, *ambolos* braços, *tralas*, paredes, *Tralos* Montes, eu *mailo* companheiro, *vêdelo*, *disselo*; e com as expressões de uso: *alafim, alafé, eilo, eilos*.

A persistencia da fórmula antiga *lo, la* é particularmente notada depois de — *s* — desde a antiga lingua: *poi'lo, mai'lotra'lo, Deu'la* fez (*Canc. da Ajuda*) e vive ainda no linguajar do povo.

Empregos mais notaveis. 1. — Usa-se antes dos nomes proprios para determinál-os: o *Lopo*, o *Antonio*, o *Camões*, o *Tasso*, etc. A França, o Tejo, etc.

O artigo teria mais adequado uso com os cognomes do que com os nomes; por isso diz-se o *Tasso* (e não o *Torquato*), o *Camões*, etc. Da mesma fórmula, os italianos dizem *il Tasso* e nunca *il Dante* (como por erro dizemos: o Dante). *Dante*, sendo prenome, não tolera entre elles o artigo; dizem simplesmente *Dante*, ou, se preferem o cognome, *l'Alighieri*.

Esta syntaxe tambem é observada com certos limites no portuguez. Dizemos *Jesus* e não o *Jesus*; podemos, todavia, dizer *Christo*, ou o *Christo*, ou o *Christo Jesus*. A palavra *Christo* é um adjectivo e significa o — *ungido*.

Com os nomes de paizes o artigo não era usado na syntaxe antiga. Dizia-se *Terra de França*; *nasceu em Italia*, em *Portugal*, em *Castella*. “As terras viciosas de *Africa* e de *Asia* (*Lus.*, 1, 2). Hoje, o uso do artigo é muito commum. Diz-se: *a França*, *a Allemanha*: comtudo, não se diz *a Cas-*

tella, o Portugal. Os espanhóes dizem: *Republica de Chile, gobierno de Mexico*, etc., sem artigo.

Os nomes de cidade, quando não são appellativos, como *Porto, Bahia, Rio*, nunca trazem o artigo: *Paris, Berlim*, etc. Ha, todavia, algumas cidades que são nomeadas com artigo: *o Cairo, a Méca, a Havana, a Corunha, a Rochella, o Havre, a Haya*. (1)

Ainda que os nomes de cidades, de natureza appellativos, se usem com artigo (*o Porto, a Bahia*), todavia, quando compostos, repellem-n'o: *Villa-nova, Pontes-vedras, Porto-Alegre, Meia-Ponte*.

2. — Usa-se o artigo antes dos nomes de titulos: *o Padre Mathias, o Visconde de Porto Seguro, o Conselheiro Albuquerque*.

Esta regra soffre modificações determinadas pelo uso. As fórmas contractas *frei, dom, são*, não admittem artigo: *Frei José, Dom João, São Pedro*. O titulo *soror* é um puro latinismo e repelle o artigo: *soror Violante*.

No mesmo caso estão as fórmas de tratamento originadas de lingua estrangeira: *Sir Robert, madame X, Lord N*.

Exceptuam-se usos especiaes: *o lord mayor, os lords* do almirantado.

3. E' um pouco arbitrario o uso do artigo nas apparições. Nota-se, porém o seguinte:

a) Nos cognomes de reis e celebridades é de uso geral: *Pedro, o Crú; Affonso, o Sabio*.

b) Usa-se sem artigo o mesmo cognome, quando da geographia: *Paulo Veronez: Scipião Africano* (ou o Africano).

Igualmente com os ordinaes: *Luiz Quinto; Affonso Decimo*. Excepto quando o numeral precede: *o sexto Affonso*. (Vide *Apposição*.) E' uso muito moderno, porque os classicos sempre escreviam: *D. João o terceiro, Affonso o quarto*. D'onde se conclue que este é o uso melhor.

— Convém notar aqui o influxo da syntaxe franceza. E' um gallicismo a intercalação do artigo nas fórmulas: *Sua Excellencia o deputado, Sua Alteza o principe, Sua Santidade o Papa*. Estes gallicismos foram adoptados geralmente na lingua

(1) E, ainda em espanhol: *La Vera Cruz*; e em francez do sec. VI *Le Liège* (Meyer-Lübke). Fernão Mendes Pinto diz: *o Pequim*.

para evitar fórmulas menos elegantes, como: *a excellencia do sr. deputado, a alteza do principe*, como mandaria dizer a vernaculidade. (1)

4. Usa-se o artigo antes dos pronomes e adjectivos possessivos: *meu, teu, vosso, seu*, etc.: *o meu chapéo, o teu carro*.

No estylo familiar é mais commum supprimir o artigo: *meu livro*.

Desde os documentos mais antigos nota-se este uso do artigo. Vê-se identica syntaxe nas orações da igreja, de linguagem naturalmente antiga e pura: *Venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade*, etc. Nos antigos papeis officiaes: *a minha real camara, os meus dominios*, etc., conforme já observamos noutro logar.

A presença do artigo modifica o sentido. Um grammatico poderia dizer: *a syntaxe é meu dominio* (uma das cousas que estudo), e *a grammatica é o meu dominio*.

Vê-se que a locução *o meu* abrange o todo; *meu*, apenas uma parte. D'ahi vem a supressão frequente do artigo nos dizeres que exprimem ser unico o objecto possuido: *meu estomago, minha cabeça, meu pae, minha mãe, minh'alma*.

5. O artigo tem muitas vezes um valor pronominal, uma funcção obscura e latente, por effeito de ellipse: "*Deus ás de Villa Diogo*". "*Foi ás do cabo*".

Omissão do artigo. Além das excepções ao emprego do artigo já apontadas, notemos os seguintes usos:

a) Omittese o artigo, quando concorrem estreitamente duas idéas, de modo que apenas re-

(1) Escreve-me o meu douto collaborador, Firmino Costa: "Nã *Chronica da Comp.* do padre S. de Vasconcellos encontra-se a seguinte phrase: "communicou a coisa á *Alteza de el-rei Dom João o III*" pag. 3; "Assim da *Alteza d'El-rei Dom João*, como tambem de seu governador" pag. 18."

O titulo de *alteza* era o que se dava aos reis de Portugal, e que depois passou aos principes. O de *magestade* foi introduzido com o dominio espanhol dos Filipens.

presentam uma idéa unida: *mar e céo; um e outro; mãos e pés; pés e cabeça; alma e corpo.*

b) Omitté-se nas expressões como esta: o homem *mais* competente (e não — o homem o mais competente — o que seria inútil gallicismo). Isto, quando ha repetição do artigo: o homem o mais competente. Quando a não ha, a construcção é portuguezissima: “Escriptores os mais competentes”.

c) Omitté-se o artigo na enumeração de synonymos, e é indispensavel na enumeração de antonymos:

O sol, estrella fixa.

A lua, planeta, astro secundario.

A luz e as trevas. O dia e a noute.

“Surgiu o homem e a podridão, a arvore e o verme.”
(Herc., *Eur.*, IV, 3.)

d) No antigo portuguez, até o seculo XIV, e raramente depois, encontra-se a syntaxe *o um* analoga ao uso francez *l'un*:

“E enlegerom dous, o *hum*, foi Joseph e o outro Mathias. (Act. dos Apost., C. I, v. 23. *Apud.* — Inéditos de Alcobaça.) (1)

e) Omitté-se geralmente nos *latinismos* poeticos: *Noto, Boreas, Austro, Zephyro*, e cousas personificadas: Amor, Fortuna, Natureza ou Natura.

Quem viu *em fortuna* haver firmeza

Lus., IV, 51.

A quem *amor* não dera um só desgosto.

Lus., IX, 75.

(1) Veja-se no *Palmeirim* de F. Moraes, conforme o exemplo que me communicou Firmino Costa: “E saíram d’ella duas donas, a *uma* acompanhada como pessoa de preço, a *outra* só.” I. 220.

f) Omittese no uso commum nas expressões: saber *geographia*, falar *inglez*. O emprego do artigo é preferivel. E' de Diniz, no Hyss. V. 110:

De tanto peso pois é saber o *francez*?

E em Camões:

Quem sabe a *lingua hispana*

Lus., VII, 25.

De indole igual é a expressão *falar verdade* ou *falar a verdade*, sendo que a primeira é de muito a preferida e mais conforme a idéa que exprime. Fr. Luis de Sousa disse *falar verdade*:

“Replicou a rainha que diferentes eram as informações, que d'este tinha e dadas por pessoas que sabia lhe falavam verdade. *Vida do Arceb.*, I, cap. VI.

E tambem Camões nos *Lusiadas*, IX, 45:

Fala verdade, havida por verdade.

g) Omittese o artigo quando as cousas são designadas indeterminadamente (no que hoje por gallicismo é costume empregar-se *um uns*). Leiam e meditem os seguintes exemplos de Camões:

Desejasse *piloto* para a India... (II, 70)

Vereis *amor da patria* não movido. (I, 10)

Busca *mouro*... que lhe mande... (I, 83)

e de Lobo (*Cond.* III):

Achou Nunalvares *casa* nobre e rica,
mulher perfeita e *terras* abundantes.”

h) Omittie-se antes do *que* interrogativo. *Que é isto? Que é sciencia? — e não — o que é isto? o que é a sciencia?*

E' o uso classico, mas não o de hoje em Portugal nem no Brasil.

i) Omittie-se ainda o artigo em expressões usadas em sentido de genero ou especie: *orgulho não é vicio.*

j) A expressão *el-rei*, já contendo o artigo *el*, não admitte outro. Comtudo, e não é para imitar, um ou outro escriptor empregou o artigo.

"Só o *el-rei* podesse julgal-os." (Jorge de Vasconcellos, *Tavola redonda*, Cap. I, 2.)

No antigo uso classico omittia-se geralmente o artigo antes dos nomes de terras: Asia, Africa, Franca, Espanha, salvo quando havia plural para alguns delles (então divididos): *as Italias, as Espanhas, as Allemanhas:*

As terras de Africa
Veiu de França
Viveu em Italia.

E' gallicismo usual empregar o artigo em phrases como estas:

O livro de que sou o autor
A nação de que elle é o embaixador.
Etc.

Onde o artigo é desnecessario.

São francezas ou afrancezadas as construcções seguintes, em que o artigo tambem é dispensavel:

Tenho entre *as* mãos (entre mãos).
Ouvir *a* missa.
E' *a* hora de partir (é hora).

INDEFINIDOS E PARTITIVOS

O artigo indefinido é de uso parcimonioso na lingua pura. Comtudo, por influxo francez, começam a correr phrases e expressões do feitiço:

E' *um* livro digno de leitura.
Deve ser *uma* doutrina perigosa.
Soffreu *um* martyrio terrivel.

Onde este — *um* — seria perfeitamente dispensavel, e sempre se vê omisso nos classicos e nos bons escriptos. O sentido de *um* dá certa emphase á phrase. Quando escrevo:

José é *doutor*,

apenas indico o titulo, que cabe a José; mas se escrever

José é *um* doutor,

o sentido é de que elle é verdadeiramente profissional de merito. D'ahi as expressões: é *um* assassino, é *um* ladrão" — que expressam muito mais que — é assassino ou é ladrão.

— Por outro lado, a indeterminação de *um* na fórma do plural, indica a approximativa:

Dê-me *umas* pennas (algumas).
Tem *uns* quarenta annos (cerca de quarenta).

— Tambem é francezismo dizer *um outro* por *outro*, como se vê frequentemente em designações de objectos:

Quero *um outro* (quero outro).

PARTITIVOS

A respeito dos *partitivos*, *do*, *da*, *dos*, *das*, veja-se o que escrevemos no capitulo dos adjectivos e é escusado aqui repetir.

VI

Syntaxe do verbo e de alguns verbos especiaes

Correlação dos tempos dos verbos

Os verbos transitivos podem ser empregados como intransitivos: *quero e posso; lê e escreve.*

Os intransitivos podem ser empregados, ainda que mais raramente, como transitivos:

*Dormimos somnos alheios
Os nossos não os dormimos*

Sá de Miranda.

Outros differentes modismos podem substituir o citado.
Ex.:

*"O somno que todos nós dormiremos... A deliciosa
vida que naquellas terras se vive."*

"A outra vida que d'antes vivi."

Garrett — *Folh. cah.*, 149.

Ha alguns casos em que a denegação do intransitivo é um gallicismo: *chove improperios, troveja applausos.* No francez esta syntaxe é admissivel e justificavel pela presença do sujeito apparente: *il.* Em vernaculo, se ha de dizer *chovem improperios, trovejam applausos;* os ultimos elementos d'estes dizeres serão então os sujeitos do verbo.

Andar, em Camões:

...philosophos que *andaram* tantas terras (V, 53).

E' util recordar aqui a função de *andar* diversa de *ir* e *estar* em composição:

Estou *escrevendo* (estado simultaneo)

Ando *viajando* (acção concomitante)

Vae *anotecendo* (acção progressiva).

Estas acções continuativas podem expressar-se por varios verbos: *toca* a escrever, *entrou* a lamentar-se; *poz-se* a chorar, *deitou* a correr — expressões que marcam o inicio de acção que deve prolongar-se.

Passear — frequentativo de *passar*, etymologicamente é transitivo. Póde-se dizer: *passar terras estranhas*, etc.

Entrar, em Camões, Lus. VIII, 37:

Primeiro *entrando* as portas da cidade.

Pensar. Em geral todos os verbos que expressam o pensamento e occupação de espirito, têm regimen indirecto:

Penso em ti.

Cuido de ti.

Meditei em muitas coisas.

Mas, literariamente é possível dizer: cuidei os teus negocios, meditei os teus infortunios.

Não é inutil ajuntar que o verbo *pensar* tinha (e tem ainda) o sentido de tratar, alimentar: *pensar* o cavallo. (Com este sentido ha, como no francez, as palavras *pensão*, *pensionar*, *pensionista*). Nos *Lusiadas*, de Camões, não se emprega o verbo *pensar* vez nenhuma, e sempre disse o poeta *cuidar* (cogitare) e *imaginar*. Foi depois de vulgarizado o vocabulo *pensamento* que se deu a *pensar* o sentido de cogitar, imaginar, crêr.

Calar — também era transitivo e ainda se usa como tal em certas expressões: *calar os motivos, as razões*.

Deparar é também transitivo: Santo Antonio *depara* (faz apparecer) as cousas perdidas. *Deparou-se-me* um livro.

E' incorrecto dizer: *deparei com o livro* — ou — *deparei o livro*, ainda que se encontrem exemplos d'essa incorrecção em Filinto Elysio e outros.

A voz passiva tem complemento adverbial regido de *por*: foi amado *pelos* paes.

A syntaxe latina dava a esse complemento a regencia *de, per* ou *ab*. A regencia *per* predominou no portuguez, porém a regencia *a* — tem alguns exemplos com participios: *morto a pedra, morto a fome*, que aliás se explicam por outra syntaxe. A regencia *de* torna-se necessaria com os participios usados como adjectivos: ornado *de* flôres; crivado *de* settas. Esta regencia nota-se ainda com os verbos *acompanhar, seguir, preceder, cercar*, etc.: cercado *de* soldados; acompanhados *de* homens; precedido *de* crianças. Fr. L. de Souza disse: “feito *de* pincel”.

O character de *passividade* é menos intenso nas fórmias nominaes do verbo. Ha participios passivos, depoentes, que são usados como activos: homem *lido, viajado, ousado, calado* (v. Participios).

E' digna de nota a passiva em que se suprime o infinito *ser*:

Merece lido (ser lido)... o livro.
Convem estudado (ser estudado)...

Este uso, algo esquecido, tende a resurgir entre os escriptores de hoje.

— Ha infinitos que accumulam a funcção das duas vozes: deixei *comer* o queijo pelo rato. (Julio Ribeiro).

E é o que se observa nas expressões já notadas: é de *suppor* (suppor-se), é de *ver* (ver-se), é de *crêr* (crêr-se), etc. (1).

(1) Escreve-me o douto philologo Firmino Costa:

“Nos classicos antigos é raro vir representado por um verbo no infinito o objecto directo do verbo *pedir* o que é hoje muito usado em phrases como esta — *peço-lhe remetter-me duas peças de renda*, Bernardez, porém, fornece-nos em os Exercicios Espirituaes, parte 2.^a, estes exemplos: “Tu és aquella palavra aspera, de que os tementes a Deus *pedem* com David *ser livres*” pag. 230 “E quando separados *pedem* outra vez unir-se” pag. 333.

O verbo *incorrer* é usado como transitivo e como intransitivo:

“Si peccares, incorrerás todas as miserias.” Bernardez, Ex. Esp., 1,204;

“Incorrer em todos os castigos da ira de Deus” Ibidem, 231;

“Porque não tremem os que incorrem em semelhante culpa, de incorrer semelhante pena?” Ibidem, 245.

Bellegarde, em seu livro *Vocabulos e Locuções*, e com elle quasi todos os grammaticos, consideram incorrecto dar o pronome *o* como objecto directo do verbo *chamar*, quando este se emprega por appellidar — *chamar-lhe audaz* e não *chama-o audaz*. Na verdade, essa anomalia é abonada pelos classicos. A construcção condemnada é hoje, entretanto, muy seguida pelos bons escriptores, e ainda ha pouco, o sr. J. R. escreveu: “porque os reis já não existem mais e são pois naturezas problematicas, como os *chama* o critico.”

Fr. Luis de Souza e Francisco de Moraes usaram em taes casos não só do pronome *lhe* como tambem do pronome *o*, conforme os exemplos d’este ultimo:

“Martyres os *chamavam* os companheiros.” Vida do Arcebispo, 1, 14.”

“Não sabeis si os chameis pilotos, si cocheiros, si cavallos.” Idem, 192.

“E por isso a *chamavam* a Floresta Desastrada.” *Palmeirim*, 1,51.”

Usos especiaes de alguns verbos

Notem-se os empregos seguintes:

a) para significar *existencia* e varios matizes d'essa idéa, o idioma possui, além de *ser* e *estar*, grande numero de verbos:

Acho-me doente.
Sinto-me envelhecido.
Viu-se empobrecido.
Anda alegre.
Quedou-se surprehendido.

b) a fórma verbal é de *mister* (e tambem *ha mister*) é um defectivo e só tem terceiras pessoas:

Eram de mister muitas considerações.
Há mister cumprir a lei."

c) o verbo *fazer* emprega-se frequentemente para evitar a repetição de outro verbo anterior.
Ex.:

O melhor é *rir-se* como o *fazia* Democrito.

— Não é estranho que d'elle zombem, quando é o primeiro a *fazel-o* (a zombar) de si proprio. (1)

(1) No especial sentido em que costumam os francezes empregar o verbo *faire* (*faire le menuisier*), emprega-se *usar de*, como escreveu Camões:

Dae ao demo essa tenção,
Usae antes de *cortez*.

Amphitr. 1, sc. 3.

Tambem é notavel o uso de *fazer* como defectivo, como neste exemplo de Vieira:

"Os nossos proprios vicios *faz* que *sejam* testemunhas da nossa fé. (*Sermões selectos*, vol. 4, pag. 2).

Aqui o verbo *fazer* é impessoal como nas phrases: *faz* cinco annos (e não *fazem*). Veja o estudo do verbo impessoal.

— Ainda é de notar o uso do verbo *fazer* em orações sem sujeito (1):

Faz cinco annos que...
(e não *fazem*...)

Faz agora dois annos que estive em Lisboa
(Camillo)

— A mesma tendência nada recommendavel para o character impessoal observa-se nos verbos: *bastar*, *chegar*, *importar*: *basta* cinco (bastam) (Antonio José). Que me *importa* a mim espíões? (Camillo).

Pertence ao linguajar inculto do povo.

d) Certos verbos, por exprimirem vagamente movimentos ou percepções de si incompletas, de ordinario compõem-se com outros. Taes são os verbos que significam actividade dos sentidos (ver, ouvir), *parecer*, *semelhar*, *afigurar-se*.

Ouço cantar.
Vi sair a lua.
Mandei retirar os moveis.
Fiz transportar o piano.

“*Manda vir* cheiros, joias, galas, espelhos.”

Vieira.

Este modismo póde ser muito generalizado:

Quero falar e não posso.
Anceio encontrar o amigo.
Espero vencer este combate.
Falta acabar o capitulo.

“*Deem-lhe mais navegar* a vela e remos...
Deem-lhe perder nas aguas o piloto.”

Ius., V, 88.

(1) Veja *Controversias* de Ferreira dos Santos (Ceará, 1920), em que se combate a teima occasional de um professor que, aliás, reconhece a boa doutrina.

Na passiva esses verbos duplos constroem-se como no exemplo:

“Algumas vezes *foi ouvido* cantar em voz baixa e sentida uma letra pouco aparada no metro... (Frei Luis de Souza — *Vida do Arceeb.*, t. I, capitulo 5.)

e) Diz-se *acordar* e não *acordar-se*, no sentido de despertar. *Acordar-se* significa especialmente recordar-se. Ex.:

“Fazei por merecer o appellido que herdastes *acordando-vos* que o nascimento de todos é igual.”
(Jac. Freire, *D. João de Castro*, II, 32.)

f) Do verbo *criar* modernamente querem fazer dous verbos: *crear*, *creo*, *creas* no sentido de dar vida, fazer; e *criar* no sentido de educar, nutrir. E diz-se de conformidade com esta regra:

“Deus *creou* o mundo.”
“As difficuldades que elles *crearam*.”
“A mãe *cria* o filhinho.”
“Os sertanejos *criam* o gado.”

Os classicos nunca fizeram essa inutil distincção, e antes sempre diziam *criar*:

Mas falta lhes pincel, faltam-lhes côres,
Honra, premio, favor que as artes *criam*.

Lus., VIII, 36.

O verbo *custar* por um phenomeno de contaminação syntactica adquiriu duas construcções diversas

Custou-me acreditar

é o modo originario, que passou no uso vulgar a

Custei a acreditar.

g) Da mesma fôrma que “*é mister*” (nota b), ha as locuções verbaes neutras: *cae neve, faz calor, é bom, é natural, é simples, é vulgar, é facil, é justo, é bem que*; e da mesma natureza logica é: *praz-me, apraz-me, convém, importa, parece*, que são verdadeiros VERBOS SEM SUJEITO (1) (2).

h) O uso do reflexivo, quando não indica differença de idéa (*ir e ir-se, morrer e morrer-se, parecer e parecer-se*) vae-se tornado obsoleto e hoje é commum dizer: *mudar, vestir, recolher, reunir, retirar, rir, sorrir, casar*, em casos onde o emprego de *se*, exprimindo espontaneidade da acção, seria mais louvavel e correcto.

i) Os chamados *impessoaes* na linguagem popular muitas vezes se empregam com um sujeito indeterminado:

Elle chove? (=chove).
Elle é isto? (=é isto?).
Elle ha coisas que...
Elle ha pessoas que... (3)

MODOS E TEMPOS

O presente emprega-se, no indicativo, para exprimir a realidade da acção no momento: *chove*; os homens *são* mortaes.

(1) V. Carlos Goes — *Syntaxe de regencia*, 125.

(2) V. os excellentes *Estudos de linguistica* de Said Ali na *Rev. Bras.* tomo I (1895).

(3) São formas portuguezas idiomaticas, mas quasi desconhecidas no Brasil. Veja José Rizo *Estudos* ou C. de Figueiredo que escreve: *Elle ha tantos é phrase portuguezissima e genuinamente popular*”.

Para indicar as verdades scientificas e eternas: A somma dos angulos do triangulo é igual a dous rectos. A terra *move-se*.

O *presente historico* é um recurso literario proprio para dar realce e vivacidade ao estylo:

“E Jesus *toma-o* pela mão e *leva-o* até a margem do lago.”

É apenas um effeito pittoresco da narrativa enunciar no presente o facto passado.

Póde-se tambem empregar o presente pelo futuro: *vou* amanhã.

Indica a acção habitual: *pinto* aquarellas; *leio* Platão.

O *perfeito* indica a acção realizada: *partí, sai* do Havre em Junho.

As fórmas compostas: *tenho saído*, etc., exprimem a repetição do acto.

Algumas vezes póde significar a acção consummada inteiramente: *tenho resolvido* (= resolvi definitivamente) *tenho dito* (= disse e nada tenho mais a dizer).

O *imperfeito* indica a acção realizada anteriormente a um momento passado: *dormia quando chegaste*.

É o tempo usado habitualmente no estylo descriptivo:

“Tres formosos oiteiros *se mostravam*.” (Camões.)

O mesmo emprego tem, entre os classicos, o presente.

O *mais que perfeito* — O portuguez é a unica das linguas romanas em que o *mais que perfeito*